



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Fundamentos do Serviço Social

PESQUISA AÇÃO E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO SUPERIOR

ANGELA ERNESTINA CARDOSO DE BRITO¹

RESUMO

O artigo discute a educação antirracista, o racismo institucional, as relações raciais e a representação das professoras negras na UFBA, demandas que emergiram do projeto de extensão realizada na UFBA no ano de 2016-2018, visando proposições de ações antirracistas. A metodologia utilizada foi a pesquisa ação por meio de encontros quinzenais. Considera-se que a pesquisa-ação pode constituir importante elemento para promoção da educação antirracista e transformação racial.

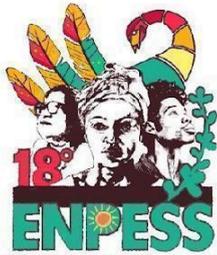
Palavras-chave: pesquisa ação, representação das professoras negras, ensino superior, educação antirracista.

RESUMEN:

El artículo analiza la educación antirracista, el racismo institucional, las relaciones raciales y la representación de los profesores negros en la UFBA, demandas que surgieron del proyecto de extensión realizado en la UFBA en 2016-2018, con el objetivo de proponer acciones antirracistas. La metodología utilizada fue la investigación acción a través de reuniones quincenales. Se considera que la investigación-acción puede constituir un elemento importante para promover la educación antirracista y la transformación racial.

Palabras clave: investigación-acción, representación de los docentes negros, educación superior, educación antirracista.

¹ Universidade Federal da Bahia



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

1 INTRODUÇÃO

O trabalho discutirá o uso metodológico da pesquisa ação como forma de engajamento e de luta contra o racismo institucional. O artigo representa o resultado do projeto de extensão² intitulado: Mulheres negras no Ensino Superior: desigualdades de raça e gênero na Universidade Federal da Bahia- UFBA, que diagnosticou a necessidade de realizar ações voltadas a reflexão e discussão sobre o racismo institucional inserido nas instituições e na cultura (Almeida, 2018), as relações raciais e da representação das professoras negras na UFBA. O projeto supracitado, coletou situações referentes ao racismo, episódios recorrentes e relatados pelos/as alunos/ases diferentes campus da UFBA. Após a verificação deste problema, reunimos em equipe³ de diferentes cursos da UFBA, com o objetivo de verificar qual metodologia utilizaríamos para propor caminhos coletivos de forma a envolver a comunidade acadêmica na reflexão, resolução coletiva e proposição de caminhos.

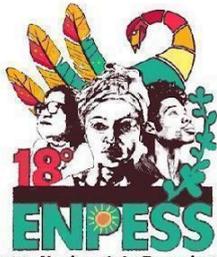
...após o levantamento de todas as informações iniciais, os pesquisadores e participantes estabelecem os principais objetivos da pesquisa. Os objetivos dizem respeito aos problemas considerados prioritários, ao campo da observação, aos atores e ao tipo de ação que estarão focalizados no processo de investigação. (Thiollent, 2011, p.58)

Havia a necessidade de elaborarmos um trabalho coletivo que pudesse, de forma crítica intervir no problema e organização de ações. Como técnica escolhemos a discussão grupal, selecionamos dois documentais e um filmes que discutissem a questão racial institucional, a escolha ocorreu após atenta investigação na comunidade acadêmica. Conforme Thiollent (2011) na pesquisa-ação, a concretização do tema e seu desdobramento em problemas devem ser realizados a partir de discussões com os participantes.

O nome dos encontros, sugerido pela equipe foi: cine raça. “Na fase de colocação dos problemas é necessário testar ou discutir a relevância científica e prática do que está sendo pesquisado. Assim, é possível redirecionar a pesquisa ou até tomar outra decisão de suspendê-la, se as condições de participação não estiverem reunidas” (Thiollent, 2011, p.63) A

² Projeto de extensão financiado pela Pró Reitoria de Ações Afirmativas -PROAE, Projetos Especiais, realizado desde 2016-2018 Ver resultado em www.later.ufba.br. Na pesquisa havia participação das bolsistas: SANKOFA, PROJETOS ESPECIAIS E PERMANECER/PROAE.

³ Nesse processo da descoberta do problema as bolsistas/pesquisadoras envolvidas com a pesquisa participaram ativamente na busca de conhecer as necessidades específicas do corpo discente da UFBA, suas peculiaridades e singularidades. Considerando que a pesquisa, partiu do trabalho anterior onde foi detectado que o racismo institucional ocorria nas relações internas da universidade e entre professores/as brancos/as e alunos/as negros/as de forma explícita e implícita.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

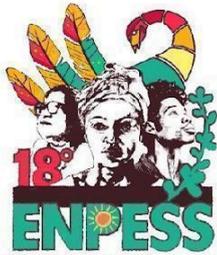
escolha de documentários e filme, que ocorreu dada a sua importância e possibilidade de redirecioná-lo, caso fosse necessário, sem comprometimento ético dos envolvidos. Martinelli (1999) destaca que “a pesquisa qualitativa é um exercício político, porque trabalha com significados de vivências...” (p.26), apresenta três considerações sobre a pesquisa qualitativa: a primeira quanto ao seu caráter inovador, que busca significados pelos sujeitos às suas experiências sociais; a segunda sua dimensão política, sua construção coletiva, partindo da realidade dos sujeitos e a terceira se realiza pela via da complementaridade. (MARTINELLI:1999)

Os encontros aconteceram no campus de São Lázaro/UFBA, envolvendo a comunidade acadêmica. Desenvolvemos diversas formas de divulgação: cartazes com data, horário e local foram espalhados pelos diversos campus da universidade, folders online, em grupos de watzap dos/as alunos/as etc. Elegia-se uma mediadora que discutia os objetivos, finalidade explicando os motivos da realização. Após a apresentação e explicação promovia se a discussão e reflexão coletiva com encaminhamentos referentes ao assunto abordado. Todo trabalho foi registrado em diário de campo e gravado com a autorização dos participantes e transcrito pelos/as bolsistas do projeto como forma de registro,

É necessário definir com precisão, qual ação, quais agentes, seus objetivos e obstáculos, qual exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação (1985:16)

O trabalho organiza-se da seguinte maneira: Inicialmente apresentamos os estudos relacionados a pesquisa ação, seguindo da discussão dos documentários selecionados: Libertem Angela Davis, retrata a vida da ativista e professora universitária que mobilizou a opinião pública na luta pelos direitos humanos. Analisará os registros do segundo encontro: o documentário a 13ª emenda, aborda a segregação racial nos Estados Unidos e direitos humanos, na perspectiva de comparação com o racismo no Brasil. Em seguida explorará os registros do encontro do filme: “Estrela além do tempo”, relatando a história de três mulheres negras que durante a corrida espacial trabalhavam na NASA em 1960 enfrentaram discriminação, preconceito racial e de gênero. Todas as análises estão interligadas, amarradas de forma a dar coerência a problemática levantada.

Por se tratar de uma pesquisa com foco na realidade local, implicou na participação ativa da comunidade acadêmica no conhecimento de sua própria realidade, do racismo institucional e como afeta os/as professoras negras, possibilitou envolver as participantes como sujeitos/as do processo, refletindo, analisando e adquirindo conhecimentos necessários na proposição de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

caminhos dos problemas demandados. Com esse intuito, foi organizada uma proposta de investigação, com a inspiração da pesquisa-ação, para problematizar e analisar situações-limites vivenciadas pelos/as discentes da UFBA, em suas realidades, tendo em vista a elaboração de propostas que pudessem contribuir para compreender criticamente e superar tais situações.

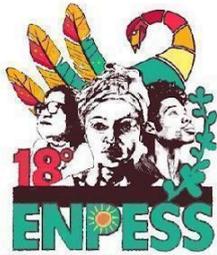
Conforme Almeida (2018) para entender o racismo institucional faz-se necessário levar em consideração as concepções de raça e racismo, entendendo raça como categoria nativa, uma construção social e instrumento político. O racismo institucional para o autor são os efeitos decorrentes dos modos de como funciona as instituições, que, na sua visão concede privilégios a grupos específicos, estabelecendo e regulamentando normas, padrões, consolidando formas de pensar e de práticas racistas. “as instituições são a materialização das determinações formais na vida social” e derivam das relações de poder, conflitos e disputas entre os grupos que desejam admitir o domínio da instituição (ALMEIDA, 2018, p. 30).

São poucos estudos que discutem a representação social das mulheres negras na universidade. Autoras como Nogueira (1999), Silva (2020), Brito (2017) Davis (2016) trazem importantes considerações sobre este assunto, destacando as diversas maneiras de como o corpo negro é usado para atender estrutura racista e a demanda da sociedade. Do ponto de vista histórico é muito importante considerar essas discussões, porque a sociedade privilegia características e atributo morais intelectuais ou físicos, que aparentemente são os mesmos para toda a sociedade, mas com diferentes *nuances* para determinados grupos, raça, classe ou categorias que fazem parte da mesma sociedade. (NOGUEIRA, 1999). Considera que existe severa segregação racial na universidade, como um processo de colonialidade, sem que ninguém questione as razões desse fosso.

2. Encontros, observações, implicações, parcerias e análises

El Andaloussi (2004) em seu livro: Pesquisa-ações: ciências, desenvolvimento, democracia, destaca três tendências de pesquisa-ação: “1. Pesquisa-ação do tipo Lewin; 2. pesquisa-ação e militantismo; e 3. Tendência atual do paradigma da pesquisa-ação” (2004, p.73), enfatizando que não há separação, pois, as tendências oscilam.

Considero que pertencimento racial não deve ser desvinculado nas relações que requer a pesquisa-ação. O/a pesquisador/a deve estar implicado/a socialmente e politicamente com a complexidade da pesquisa, levando os/as participantes envolvidos/asa uma crítica da sociedade e da instituição. Esta tendência utiliza a ciência para fins da luta ideológica, permitindo o/a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

pesquisador/a, ao entrar numa escola ou universidade transformar uma situação, seu projeto científico se torna portador de um projeto sociopolítico, “a fronteira entre o científico e o político é ínfima” (EL ANDALOUSSI, 2004, p.81).

Com o objetivo de sistematizar e concretizar as situações problematizadas a proposta de construção dos encontros orientou a trajetória das atividades, no tocante ao planejamento e realização das ações baseadas na análise crítica do racismo, na representação coletiva de discussão do assunto, que permitisse sistematizá-lo, conferindo-lhe concretude. Assim, nos encontros havia pontos ou quesitos que eram discutidos, os quais eram modificados conforme o interesse dos/as participantes de forma a envolvê-los/as na discussão de forma horizontal e dialógica. Para Thiollent (2011) Na concepção da pesquisa-ação, as condições de captação da informação empírica são marcadas pelo caráter coletivo do processo de investigação: uso de técnicas de seminário, entrevistas coletivas, reuniões de discussão com interessados, etc. (p.107).

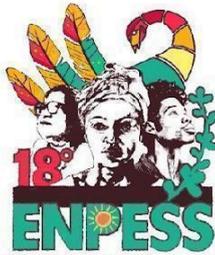
Nas reuniões formava-se um círculo para iniciar a discussão coletiva e interação com os/as participantes. Neste momento todas as bolsistas foram treinadas para realizar observações e anotá-la (ideias, gestos, desejos, afetos, atitudes, etc.), comparadas posteriormente se engajando e assumindo um compromisso ético com os/as participantes da pesquisa: “na pesquisa-ação todos os participantes podem ser pesquisadores...realizando um projeto em comum” (EL ANDALOUSSI, 2004, p.119).

Importante pontuar a critério metodológico que após a realização do primeiro encontro, a equipe se reunia, elegia a bolsista que iria transcrever o áudio e sistematizar as anotações no diário de campo⁴, dos registros, com discussão e análise das observações e a sistematização dos pontos e quesitos para próximo encontro. Tudo conforme as necessidades dos/as participantes. Assim, o segundo encontro foi sistematização conforme sua complexidade.

Ainda no primeiro encontro: Libertem Angela Davis, houve a participação de nove alunos/as negros/as e brancos/as de cursos diversos da universidade e dos bolsistas da pesquisa. Para Davis é importante entender como as mulheres negras e brancas se organizam, em grupo ou não, como desenvolvem suas estratégias de sobrevivência, suas reivindicações, suas disputas. A participação de alunos/as de várias raças⁵ se deu devido a necessidade de

⁴ O registro no diário de campo era feito pelo próprio bolsista, tão logo terminava os encontros, de forma a registrar todas as informações observadas, para preservá-las em sua natureza ainda viva na lembrança.

⁵ Entendendo raça como categoria nativa. Sugestão de leitura: MUNANGA, Kabengele & GOMES, Nilma Lino. Para Entender o Negro no Brasil de Hoje: História, Realidades, Problemas e Caminhos. São Paulo,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

aprofundar assuntos referentes ao desvelamento do mito da democracia racial⁶, da branquitude⁷ e de como o racismo institucional afeta diretamente as relações e representação das professoras negras na universidade e da necessidade de racializar o debate político em um país de herança escravagista (Davis, 2016). Na concepção de Thiollent (2011) a opção por participantes ou grupos que já agem com o conjunto da população implicada na situação-problema, por esta razão a importância da participação da comunidade acadêmica da UFBA, local onde houve a demanda. A escolha desse documentário se deu devido a necessidade de discutir os direitos humanos, o direito de fala, a luta e inserção de negros/as nas universidades e a representação das mulheres negras.

Envolvendo os/as participantes perguntávamos sobre a inserção da questão racial na sala de aula e sobre a possibilidade dos/as participantes, se reconhecerem como intelectuais ou futuras professoras universitárias/as. As respostas foram diversas, mas parecidas. Uma das participantes relatou que se sentia vítima dos olhares cotidianos, disse difícil permanecer na universidade: “a população negra está morrendo, está sendo assassinada e o professor branco, em sala de aula, relativiza, faz piadinha...” (Participante 1: 1º encontro), completa dizendo que os professores não respondem ou não debatem, fugindo do assunto: “ou seja, você sai da sala de aula, ainda com a dúvida e ou você tenta buscar referências e pesquisar sozinho pra resolver ou não consegue...” (Participante 1: 1º encontro).

Complementando a fala da colega outra participante relatou que professores brancos não querem debater questão racial, “o cara vai te ensinar história do direito mas o cara só fala história do direito europeu, e de Roma e acabou, vai te dá aula de direito de família, a família é uma família engessada, branca” (Participante 3: 1º encontro), completa dizendo que até mesmo na aula de metodologia, “as referências que ele escolhe, a metodologia tudo tem a ver também com a localização, o lugar de fala dele, aí essa é uma necessidade de ter professores negros, ter professoras negras” (Participante 3: 1º encontro).

A participante 5, diz que não se consegue se reconhecer como intelectual negra, porque não é fomentado a discussão na sala de aula,

Global, 2004. MUNANGA, Kabengele. “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”. In: BRANDÃO, Augusto P. (Org.). Cadernos PENESB 5 - Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira Niterói/RJ: EdUFF, 2004. p. 15-34. MUNANGA, K. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade nacional versus identidade negra. 5.ed. Belo Horizonte: Autêntica.

⁶ Para saber mais ver: Schwarcz, Lilia Moritz, Espetáculos das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁷ Considerando branquitude como privilégios sociais, políticos, econômicos que as pessoas brancas possuem, desde que nascem em vantagem com as pessoas negras.

porque as vezes esses pensamentos não chega nem a florescer num espaço que está tão internalizado que não é seu, que nem te dá possibilidade de ser, antes de pensar em ser, eu já sabia que eu não queria porque ah é muito difícil” ah eu não vou conseguir chegar lá, ah poxa eu professora da UFBA ... passar no mestrado, poxa ter proficiência e falar pelo menos uma língua estrangeira, não é pra mim, entendeu? Esse é um processo de construção muito difícil, tem sido, ainda é um processo de construção pra mim. (Participante 5: 1º encontro)

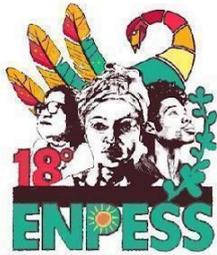
No segundo encontro, buscou-se refletir sobre estereótipos preconceitos naturalizados, discutiu-se o documentário: 13ª emenda. Objetivou nesse encontro focar verificar como se dava o tratamento das professoras negras e brancas e no entre alunos/as.

Finalizada a apresentação do documentário, iniciava as discussões, servindo como instrumento de auto-investigação e de investigação participativa coletiva de uma realidade que foi compartilhada pelas pessoas do grupo, com o objetivo de avançar no conhecimento dos processos reais, ou seja, o racismo institucional e a forma com que as professoras negras são representadas na universidade, momento em que houve aprofundamento sobre o problema e descoberta de novos problemas da realidade acadêmica.

A participante 8, faz reflexão sobre forma de tratamento entre as professoras negras e brancas. Relata que as alunas tratam as professoras negras de forma mais taxativa e com menos respeito, as cobranças são maiores quando se trata da maneira e postura em sala de aula: “a gente já teve outras professoras substitutas brancas, que também eram mestradas, mas o posicionamento das estudantes com essa professora era completamente distinto do comportamento com as professoras negras”. (Participante 8: 2º encontro) Ainda sobre a metodologia de uma professora negra efetiva a participante 8 relata que: “gerava um desconforto na aula que a gente passava muito mais tempo discutindo a atitude da professora em colocar a gente em grupos para fazer o estudo dirigido, porque a gente não tinha lido o texto...” A participante 8 relata que a mesma postura de uma professora branca não gerava esse desconforto e tão pouco era questionada:

“foi a primeira matéria que eu peguei com essa professora, a que me refiro, ela fazia coisas muito semelhantes, essa professora branca efetiva, que tinha atitudes, inclusive, que eu considero piores né de enfim, que eu considerava piores de colocar a gente roda porque a gente não leu o texto, etc. e ninguém em momento nenhum dizia “professora, não é assim não, bora pensar aqui outra forma porque a gente não está conseguindo compreender a sua forma de didática, porque você não está sendo muito didática e a gente não está conseguindo aprender” não tinha esse posicionamento, entendeu? (Participante 8: 2º encontro)

A hegemonia branca, demarca espaços, limites, estabelece regras e normas divisoras da linha abissal, pois existe uma espécie de força conjunta para depreciar as



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

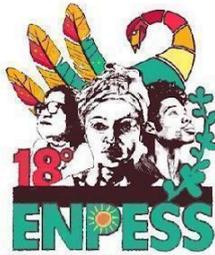
atividades das professoras negras, questionar suas pesquisas, duvidar de seus métodos, ditando-lhes modos de agir, ao se articular com alunos e outros professores para disseminar a visão de que elas são pessoas loucas e têm de viver no isolamento acadêmico. (BRITO, 2024) Para bell hooks (1994) e Davis (2016), a diferença de tratamento marcada pelo racismo entre as mulheres brancas e mulheres negras, isso porque as primeiras construíram suas reivindicações via luta feministas, e as segundas continuavam esquecidas e enfrentam o racismo das mulheres brancas.

A participante 7 recorda de uma situação de racismo com docente, dizendo que conhece uma professora negra muito capacitada, com produção de obras importantes, mas que é invisibilizada no curso, tanto por alunos/as como por outras professoras brancas, chegando ao ponto de seu nome não ser mencionado pelas professoras brancas: “sofreu tanto racismo que por conta disso adoeceu, e a situação continua invisibilizada no curso, vista como louca ou algo assim” (Participante 7, 2º encontro) No terceiro encontro relacionado ao filme: estrelas além do tempo a participante 8 diz reconhece que algumas professoras brancas tentam discutir sobre o assunto e que demonstram preocupação em se atualizar sobre questões relacionadas a raça e relações raciais no Brasil, etc.

Observa-se que durante as discussões e reflexões, após o documentário, as/os participantes se envolvem com a problemática que as/os atravessam de forma pedagógica e crítica, conseguem apreender a realidade acadêmica em um processo de conhecimento/ação e autoconhecimento. Sobretudo a importância da representatividade destacada pela participante que se reconhece quando encontra uma professora negra em seu curso. Algumas participantes se re/conheciam quando se viam representadas por professoras negras na universidade: “Assim eu me reconheço muito com a professora X, ela discute raça, gênero, sexualidade e vem numa perspectiva decolonial” (Participante 10, 3º encontro)

Paralelamente o documentário:13ª emenda, a participante 9 reflete: “é como se fosse naturalizado pela sociedade, pelas pessoas que acabam associando, ah é negro então é bandido, é criminoso, criando então uma repulsa pelos negros”, diz que: “me desculpa mas essa pesquisa é muito importante, eu acho que deve ser evidenciada e levar a outros ambientes, a pesquisa ajuda a desconstruir esses pensamentos” (Participante 9: 2º encontro).

O participante 12 do se refere a forma de relacionamento de um professor branco do curso de Y, expõe que havia piadinhas, exposição das falhas dos alunos negros em público, constrangimentos, por parte do docente, os atos preconceituosos também se relacionavam aos



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

alunos indígenas, “o aluno indígena brigou com o professor, discutiu, quando o professor fez piada, houve uma discussão feia” (Participante 12: 3º encontro). Sobre formas de manifestação de racismo e preconceito na universidade relacionando alunos/as e professor/a o participante 14 diz que os alunos optam pelas disciplinas de professores/as brancos/as “... as duas turmas [do professor branco] de sociologia jurídica, estavam lotadas, com 70 alunos/as, uma estava com 60 alunos e a turma do professor X estava com 10 alunos/as matriculados. Isso foi um absurdo” (Participante 14, 3º encontro). O participante continua dizendo que perguntou aos colegas o por quê: “... por que não quero ir a aula e não quero que fica colocando a culpa da escravidão em mim porque se uma manga que cai no chão ele culpa a escravidão [referindo a resposta do colega branco], essa é a desculpa, pode ser um negro está exigindo demais de mim que sou branco” (Participante 14: 3º encontro). No terceiro encontro os/as participantes relacionaram a naturalização do racismo e exclusão vivenciados pelas atrizes no filme com as experiências vivenciadas pelas professoras negras em sala de aula e outros ambientes de trabalho na universidade.

2 As reflexões e aprendizagem

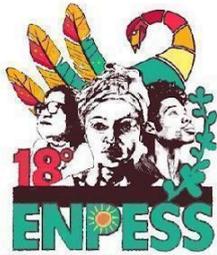
A pesquisa ação provoca a tomada de consciência, importante no plano do agir. Nesse processo de discussão e reflexão gera um momento de autoavaliação, participante 8 questiona sua própria postura:

considero que assim o comportamento das discentes, de nós, tenho que me incluir também porque eu também sou discente, e quando eu via isso na sala mesmo considerando que era por uma questão de classe, ou não, por uma questão de raça, eu não dizia: gente, e aí vamos pensar o racismo aqui nesse momento, né?, eu também enquanto mulher preta me posicionava dessa forma, enfim várias análises aí, isso. (Participante 8: 2º encontro)

Thiollent (2011) é incisivo ao destacar que a pesquisa-ação quando construída como “metodologia de articulação do conhecer e do agir, (no sentido de ação social, ação comunicativa, ação pedagógica ação militante etc.) De modo geral o agir remete a uma transformação de conteúdo social, valorativamente, orientada no contexto da sociedade.” (p.110)

Houve reflexões sobre as formas de poder. Relatos dos/as participantes sobre a coerção por parte de alguns professores/as brancos/as, “Quem é você na faculdade? [diz o professor ao aluno], então ele [o professor] diz quem é na faculdade de Y...” (Participante 12: 3º encontro). Os/as participantes disseram que muitas vezes têm de se calar, com receio de serem perseguidos ou de reprovarem por questionarem atitudes racistas.

A pesquisa não se limitou à observação ou a coleta de informação, mas sim na reflexão coletiva de que a universidade precisa repensar suas práticas, criar metodologias para combater



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

do racismo institucional, como a inserção de cotas para concursos para docente, e maior discussão sobre a branquitude, que acabou por se tornar uma normativa na universidade há décadas, se impondo como soberana, tendenciando pesquisas, isolando as pesquisadoras negras de grupos, determinando quem entra ou não em cargos de direção, de coordenações.

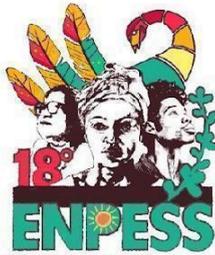
3 Considerações: avaliação das ações

No final de cada encontro houve reflexão sobre o filme e documentário e de como estava relacionado ao problema diagnosticado, ou seja, a educação antirracista, o racismo institucional e a representação pejorativa das professoras negras na universidade. Essas discussões proporcionam aos/as participantes novas proposições, por exemplo, relataram atitudes de constrangimentos, intimidações e coerção por parte de professores/as brancos/as.

Alguns autores consideram que na pesquisa-ação, por ter exigido a participação da população nos seus mecanismos, não precisa da restituição da informação, pois já estaria conhecida na hora da investigação. Para outros a restituição se faz necessária. (Thiollent, 2011) As discussões levavam os/as participantes a relembrem fatos importantes e adquirirem elementos que permitiam avançar para possível mudança. Os relatos sinalizam para uma análise individual e coletiva das atitudes anteriores em posição de formação, uns aprendendo com os outros. Ao participarem das discussões, reflexões e avaliações pela pesquisa-ação, os atores adquirem conhecimentos novos, fontes de novas necessidades de formação e de ampliação de horizontes. (Thiollent, 2011:p.139).

A pesquisa-ação é um processo, não um procedimento, se faz não sobre as pessoas, mas com ela, iniciando nova ética. (El Andaloussi, 2004) Neste trabalho, consideramos que quando os/as participantes negros/as e brancos/as, se envolveram na discussão do racismo institucional que afeta diretamente todas as universidades, racismo que não é dito em palavras, mas nos números de negros e negras que são barrados no ingressos dos concursos públicos das universidades federais e estaduais. Quando existe implicação a questionar abertamente sobre o racismo nas relações intergrupais no interior dos muros universitários, contestar a representação das professoras negras nas universidades, estão se envolvendo no processo, não somente com a denuncia do racismo estrutural e institucional, mas por uma universidade que acolha todas as raças.

4 Referências Bibliográficas

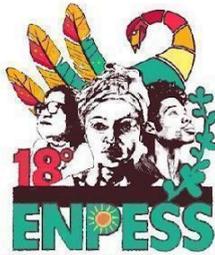


Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL - ABEPSS; CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM POLÍTICAS SOCIAIS E SERVIÇO SOCIAL-CEDEPSS. Currículo mínimo para o curso de serviço social. Rio de Janeiro: **ABESS; CEDEPSS**, 1996.
- AGUILAR, Maria J. e ANDER-EGG, Ezequiel. Avaliação de serviços e programas sociais. Petrópolis, Vozes, 1994.
- BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (org). **Pesquisa participante**. O saber da partilha. Aparecida-SP: Idéias e Letras, 2006.
- BRITO, Angela. Ernestina. Cardoso de.; GOMES, Emanuela. **O entre lugar**: trajetória de vida e memória no processo de formação profissional de mulheres negras. Vol.3, N.2/3. 2015. Disponível em: <http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/314/185>. Acesso em. 06 nov.2017.
- BRITO, Angela Ernestina Cardoso de. **A balança de efa**: uma análise quantitativa de raça e gênero sobre a inserção de negros e negras no magistério superior da ufba (2016- 2017) **Gênero|Niterói|v.18|n.1| |2. sem.2017**.
- BRITO, Angela Ernestina Cardoso de. **Duoetnografia em tempos de pandemia**: estudo sobre a representação das professoras negras do Campus de São Lázaro-UFBA. *No Prelo*. EDUFBA. 2024.
- BRITO, Angela Ernestina Cardoso de.; MARTINS, B. S. ; SCABORI, K. . A descolonização dos saberes e as Ciências Sociais: diálogos entre continentes?. **SEMINA** (LONDRINA), v. 43, p. 171-292, 2022.
- BRITO, Angela Ernestina Cardoso de. Fontes documentais como instrumento de representação social dos catopés na cidade de montes claros. in: João Bôsco Hora Góis; Sidimara Cristina de Souza. (org.). **Grupos Minoritários**: histórias, lutas e políticas públicas. 1ed.niterói: mc&g editorial, 2023, v. 1, p. 360-379.
- DAVIS, ANGELA. **Mulher, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EL ANDALOUSSI, Khalid. **Pesquisa-ações**: ciência, desenvolvimento, democracia. Tradução: Michel Thiollent. São carlos: EdUFSCar, 2004.
- FALEIROS, VICENTE. de P. **Estratégias em Serviço Social** 8. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- FALS BORDA, O. (2010 [1986]). **La investigación-acción participativa**: política y



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

epistemologia. In: GUERRA, J.M. (ed.). Antología Orlando Fals Borda. Bogotá:
Universidad Nacional de Colombia.

hooks, bell. **Teaching to Transgress: education as the practice of freedom** New York:
Routledge, 1994.

MARTINELLI, M L e LIMA N C. Experiência Social como categoria de pesquisa no Serviço Social
in Martinelli et al (org) **Cotidiano, Cultura e sociabilidade**: pesquisa em Serviço Social. São
Paulo, EDUC, 2021

PRATES, Jane C. O planejamento da pesquisa. **Revista Temporalis** nº 7. Porto Alegre,
ABEPSS, 2003.

PRATES, J. C. O método marxiano de investigação e o enfoque misto na pesquisa social: uma
relação necessária. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, vol. 11, n. 1. 2012.
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/issue/view/590>

SILVA, Maria Ozanira da Silva. (coord) Pesquisa Avaliativa: Aspectos teórico-metodológicos. São
Paulo: Veras, 2008.

SILVA, Joselina da. Doutoradas professoras negras: o que nos dizem os indicadores oficiais 2010
v28n1p19. **Perspectiva, Florianópolis**, v. 28, n. 1, p. 19-36, jun. 2011. Disponível em: . Acesso
em: 29 jun. 2020.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 4. ed. São
Paulo: Polis, 1985.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18ª. edição. São Paulo: Cortez, 2011.